

O TEMPO E O MODO – *Revista de pensamento e acção*, fundada em Lisboa em Janeiro de 1963, dirigida por António Alçada Baptista, editada por Pedro Tamen, pertencendo a chefia da redacção a João Bénard da Costa. Com o n.º duplo 69/70, de Março/Abril de 1969, regista-se uma alteração na direcção: João Bénard da Costa assume-a efectivamente até Novembro do ano seguinte, nominalmente, até Maio de 1972; em Junho deste ano (n.º 92), Luís Matoso aparece como único responsável pela revista. Na sequência do 25 de Abril, a direcção interina foi exercida alternadamente por Guilherme Jorge e por Luís Matoso, datando o último número, o 126, de Setembro de 1977. Em Março de 1984, reapareceu sob a direcção de Carlos Vargas, tendo apenas sido publicado um número.

Primeira fase

O Tempo e o Modo trilhou um percurso pleno de vicissitudes no seu longo historial. A sua 1.ª fase, teve como pedra-de-toque o diálogo, a confluência de forças de diversos quadrantes, o auscultar de sensibilidades diferentes. Na fundação da revista convergiram três gerações: os católicos progressistas, seus principais dinamizadores, que estiveram no 1.º Congresso da JUC e que tinham integrado o jornal universitário *Encontro*, fundado em Janeiro de 1956; um grupo republicano e laico que viria a ser o embrião do futuro Partido Socialista, nas pessoas de Mário Soares e de Salgado Zenha; um sector estudantil que energicamente lutou pela autonomia da Academia, pela renovação e democratização da Universidade, pelo Associativismo como direito inalienável, e que vivenciou directamente a crise universitária de 1962, membros do MAR – Movimento de Acção Revolucionário -, caso de Jorge Sampaio, Manuel de Lucena, Nuno Bragança e de Vasco Pulido Valente.

Muitos anos mais tarde, num depoimento datado de 31.12.1989, Alçada Baptista evoca a revista que co-dinamizou: «*O Tempo e o Modo* [...] foi resultado da necessidade que nos pareceu evidente de ter um órgão de intervenção que mostrasse o nosso empenhamento em manter diálogo e alianças com a oposição tradicional. [...] A sua leitura deve ser feita hoje tendo presente tudo o que lhe estava subjacente porque era grande o peso da censura.» No número inicial «no meu artigo, quando queria dizer instituições democráticas tive que escrever ‘instituições que pressupõem uma certa dialéctica’. No entanto, as pessoas entendiam-se por estas cifras e através delas se passava a palavra. «As nossas relações com certas áreas da oposição nem sempre foram fáceis. Lembro-me que, mesmo entre os colaboradores, tive grandes reacções por ter escrito ‘ao arbítrio de Bautista sucede, em Cuba, o extremismo de Fidel.’ A *Seara Nova* fazia-nos, de vez em quando, os seus ataques e insinuações, com gáudio da imprensa da direita. Apesar de tudo isso, *O Tempo e o Modo* reuniu colaboração de pessoas de várias tendências políticas.

«[...] Também me parece que *O Tempo e o Modo* teve uma especial importância na área das artes e das letras. É possível dizer-se que estávamos perante uma ditadura política da direita e uma ditadura intelectual da esquerda e que certos nomes como os de Jorge de Sena, Vergílio Ferreira, Agustina Bessa Luís, António Ramos Rosa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ruy Belo não estavam valorizados de acordo com o seu talento. A revista, além de acolher a sua colaboração, soube dar-lhes o relevo que mereciam e criou um espaço cultural onde, na literatura e nas artes, se exprimiam outras tendências e outros modos de pensar.»

No editorial do 1.º número são definidos os seus objectivos: «Pretendemos lutar, a nosso modo e também contra a geral desordem estabelecida, isentos de qualquer confessionalismo ou partidarismo político concreto, preocupados em localizar e fazer incidir o nosso esforço sobre a análise, clarificação e resolução dos problemas que afectam o nosso tempo particular, propondo-nos especialmente – reflectindo uma concepção libertadora e progressiva da História e da Pessoa Humana, que acentue o primado desta sobre as necessidades materiais e técnicas colectivas em que se baseia o seu desenvolvimento – estudar com atenção crítica todas as formas de regressão e entrave a esse seu progressivo desenvolvimento, quer no que se refere à organização e governo da cidade, quer ao contexto sociológico, libertador ou opressivo, das expressões religiosas, culturais e económicas em que o homem se move e o condicionam.»

Vincando a sua metodologia consensual, Alçada Baptista, no editorial que marca o 2.º aniversário, afirma elucidativamente: «*O Tempo e o Modo* é uma mesa-redonda para onde se convidaram pessoas que soubessem estar à mesa. Que aqui se ia tentar uma forma de diálogo nas suas diferentes expressões: Conhecimento e reconhecimento dos parceiros, provocação de uma auto-formação, autonomização e estruturação pensada das diferentes correntes que aqui afluíam, atenção à verdade do outro, integração dessa sua verdade no edifício de cada um.»

O grupo dinamizador de *O Tempo e o Modo* – título sugerido por Pedro Tamen – estava intimamente ligado à doutrina do Concílio Vaticano II, realizado em Outubro de 1962, pouco antes da fundação da revista. Perfilhava a filosofia de Mounier (23), recebia influências directas das revistas *Esprit* e *Concilium*.

Por motivos profissionais, Alçada Baptista apenas dirigiu os primeiros números, delegando a sua direcção efectiva em João Bénard da Costa, que era coadjuvado por Vasco Pulido Valente. A revista, que dependia economicamente da Livraria Morais, apresentava inicialmente a seguinte estrutura: ensaios, antologia, crónicas (religiosa – Vaticano II, política e literária), noticiário crítico e uma crítica de noticiário.

Elucidativo foi o posicionamento da revista face à guerra colonial. Na impossibilidade manifesta de a denunciar directamente, fez a sua contestação através de excertos da Encíclica *Pacem in Terris* de João XXIII (5), cujo falecimento foi assinalado por Nuno Bragança. Neste texto, enfatizou-se o consenso alcançado pelo Papa entre católicos e não-católicos, o modo como encarou o cristianismo levando-o à letra, a sua energética recusa da intolerância religiosa.

Também a violência era denunciada através da citação de encíclicas que a censura não se atrevia a cortar. Foi o caso da *Christi Matris Rosarii* de Paulo VI, parafraseada no editorial do n.º 41, com o título elucidativo «Parem!». O referido número publicou sintomaticamente um texto de Manuel Lucena sobre a guerra do Vietname, um *dossier* sobre a crise de Cuba, textos sobre o racismo e a violência gratuita nos Estados Unidos.

Registe-se ainda, neste contexto, a publicação de uma antologia de um autor paradigmático da denúncia do colonialismo africano, Franz Fanon, genericamente intitulado «O Problema do Neo-Colonialismo» (n.º 7, Jul./Ag. 1963).

No ano de 1965, *O Tempo e o Modo* ampliou o espectro de colaboradores, divulgou textos relevantes desconhecidos em Portugal (C. Wright Mills, Albert Einstein, Galbraith, T. S. Eliot, entre outros) e fez uma campanha para angariar novos assinantes.

Em 1966, teve lugar na Sociedade Nacional de Belas-Artes, um colóquio em que participaram os assinantes da revista, sob a orientação de Alberto Ferreira, João Bénard da Costa, Joel Serrão, José-Augusto França, Nuno de Bragança e Rui Grácio. Tempo para ponderar a sua actividade passada e perspectivar o futuro. O referido ano caracterizou-se pela publicação de vários *dossiers* de insofismável rigor e pelo início de uma rubrica que contemplava um conto por número.

Em carta datada de 9.9.1966, dirigida a Adolfo Casais Monteiro, Alçada Baptista convida-o para colaborar na revista e sintetiza as suas linhas de força: «*O Tempo e o Modo* procura ser um Modo de realizar um Tempo português, a abertura para um Cristianismo mais vivo, mais presente e mais ecuménico. Daí, o ter pretendido ser uma revista de diálogo entre crentes e não crentes, separados em Portugal por barreiras de raiz histórica que na actual conjuntura política do país mais ainda se acentuaram.

«[...] Desde o 1.º número que o TM afirmou lutar contra a ‘*desordem estabelecida*’ e desde o 1.º número que se bateu por uma concepção libertadora e progressiva da Pessoa Humana e da História. Para resumir, o que a revista tem querido ser, foi e é, é possível falar de *humanismo interventor, experiência de democracia, comunitarismo e socialismo.*»

Em finais de 1967, a revista passou por uma fase financeira aguda. Em carta de João Bénard da Costa, datada de 2 de Novembro, dirigida a Adolfo Casais Monteiro, ponderava-se a hipótese de passar a ser feita no Brasil ou de, no mínimo, se abrir uma sucursal naquele país. Num documento anexo àquela carta, datado de 10 do mesmo mês, perspectivava-se a revista desde a sua génese e enumeravam-se alguns dos temas abordados: a problemática europeia entre as duas guerras, a sociedade da abundância, os mitos, a fome no mundo, a situação na América Latina, o urbanismo, as ciências sociais, entre outros. A acção da censura não podia deixar de ter sido analisada: cortes sensíveis nos textos já fotocompostos, que ascendiam a cerca de 700 páginas, o equivalente a 70 contos de prejuízos; o problema da insegurança e da inibição que a auto-censura provocava. Nesta radiografia da publicação, constatava-se ainda os ataques a que estava sujeita por parte da direita e da extrema-direita e informava-se que a tiragem ascendia a 2000 exemplares, dos quais 1374 eram assinantes – 1155 do Continente, 119 das colónias e 100 do estrangeiro. As receitas perfaziam 235 contos, ascendendo as despesas a 357, sendo o déficit coberto pela Livraria Moraes. Perante este prejuízo avassalador, foram perspectivadas duas hipóteses: a transformação da revista em magazine, embora não sensacionalista, ou a feitura de um periódico de 80 páginas, menos erudito, mais leve, mas que conservasse a sua qualidade intrínseca.

Para ultrapassar a crise, sugeriam-se várias medidas: organização de colóquios de divulgação na província, campanha de angariação de novos assinantes, aumento do preço das assinaturas, criação de assinaturas de apoio e a edição de cadernos temáticos.

O seu preço subiu, registou-se um aumento de assinantes, a capa tradicional foi tornada mais apelativa (56) e optou-se pela publicação de ensaios menos eruditos e mais curtos, sendo dada maior ênfase à actualidade, adquirindo assim a publicação uma feição mais interveniente. A crítica literária, teatral, de artes e de cinema passaram a ser da responsabilidade de Ruy Belo, Manuel Gusmão, José Bento, Luís Miguel Cintra, Duarte Nuno Simões, António Pedro de Vasconcelos e de Jorge Silva Melo, tendo entrado para a redacção Amadeu Lopes Sabino e Helena Vaz da Silva, registando-se a saída de Vasco Pulido Valente.

Nos anos de 1968 e de 1969, a contestação à guerra do Vietname corporizou-se, o regime capitalista tremeu com as jornadas de Maio em França, que se estenderam a outros países europeus, a invasão da Checoslováquia gerou polémica e suscitou dúvidas legítimas relativamente à natureza do regime da União Soviética e aos partidos comunistas que a apoiaram, luta pelo poder no seio da Partido Comunista da China agudizou-se com/atraves da revolução cultural, os valores alternativos da contracultura despontaram. Em Portugal, a guerra colonial registara uma escalada, Salazar caíra da cadeira e do poder e a

sua sucessão fora assegurada por Marcelo Caetano, dirigente que gerou expectativas junto de alguns intelectuais portugueses. Todos estes factos se reflectiram na postura do periódico. O n.º 68 de Fevereiro de 1969, aproveitando a “Primavera Marcelista”, trazia na capa Rosa Luxemburgo, cuja biografia era feita por António Reis. A atenção à realidade internacional, na impossibilidade de tratar detalhadamente da nacional, tornou-se cada vez maior.

Embora as suas assinaturas rondassem os 700 exemplares (de uma tiragem de 1500), a publicação tinha prejuízos avultados, na ordem dos 700 contos. Para este facto, muito contribuíram os inúmeros cortes da censura, feitos depois dos textos se encontrarem já compostos, como era proverbial na época.

Recorda Alçada Baptista: «A Moraes Editores resolveu então entregar a revista aos seus redactores que se constituíram em sociedade para continuar. Eram de tendência maoísta na sua maioria e *O Tempo e o Modo* passou para as suas mãos. A revista, como ponto de encontro de várias correntes e que, de certo modo, tinha contribuído para fazer participar os católicos na construção da democracia portuguesa, deixara de ter sentido.» No número em que se regista a mudança de direcção, é anunciada a constituição de uma sociedade anónima, *O Tempo e o Modo SARL*, «um modo de tornar a revista mais sua».

Manuel Braga da Cruz considera que este periódico «vinha demonstrar praticamente um interesse não meramente instrumental pela política, a possibilidade de intervir sem visar a posse, mas tão-só, a crítica do Poder. Nesse sentido politizou saudavelmente a minha geração.»

A 1.ª fase caracterizou-se pela elaboração de vários *dossiers* temáticos de inequívoca qualidade. O n.º 6, primeiro publicado, anunciava mais dois para aquele ano: um sobre a República, que deveria sair em Outubro, e outro sobre Planificação Económica, para Dezembro. Nenhum deles deverá ter sido aceite pela censura. O *dossier* «A Arte Deverá Ter por Fim a Verdade Prática?», surgiu como corolário da polémica sobre o neo-realismo iniciada no n.º 3. Apresentou artigos de António Pedro, António Ramos Rosa, Baptista Bastos, Eduardo Lourenço, João Bénard da Costa, João de Freitas Branco, João José Cochofel, José-Augusto França, José Fernandes Fafe, Luiz Francisco Rebello, Mário Dionísio e Óscar Lopes; depoimentos sobre o romance foram feitos por Agustina Bessa Luís, Almeida Faria, António Quadros, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho, João Gaspar Simões, Joel Serrão, José Cardoso Pires, José Palla e Carmo, José Rodrigues Miguéis, Manuel Poppe e Vergílio Ferreira; sobre poesia, por Herberto Helder, João Rui de Sousa, Jorge de Sena, José Carlos de Vasconcelos, José Gomes Ferreira, José Régio, M. S. Lourenço, Sophia de Mello Breyner Andresen; sobre música, por Álvaro Cassuto, Filipe de Sousa, João Paes, Joly Braga Santos, Luís Filipe Pires; sobre artes plásticas por António Santiago Areal, João Cutileiro, Nikias

Skapinakis; sobre arquitectura por Fernando Távora e Vasco Lobo; sobre teatro por António Manuel Couto Viana, Bernardo Santareno, Fiana Hasse Pais Brandão, Sttau Monteiro; sobre cinema por Alberto Vaz da Silva, Manoel de Oliveira, Paulo Rocha. Outros *dossiers* vieram a lume: «John Fitzgerald Kennedy» (10); Inquérito sobre *O Tempo e o Modo*, no 1.º aniversário, com depoimentos de Álvaro Salema, António Sousa Gomes, Joaquim Namorado, Lindley Cintra, Mário Dionísio, Mário Soares, Orlando de Carvalho e Vítor Matos e Sá (12); «A Fome no Mundo» (13/14); António Machado (15); «A Europa entre as Duas Guerras» com textos de António Pedro Vasconcelos, Egídio Namorado, Hugh Thomas, Jean-Paul Sartre, João Bénard da Costa, João de Freitas Alexandre, João de Freitas Branco, Jorge de Almeida Fernandes, José Estêvão Sasportes, Luiz Francisco Rebello, Luís Salgado Matos, Manuel de Lucena, M. S. Lourenço, Rui Cardoso das Neves, Vasco Pulido Valente, entre outros, apresentando uma tábua cronológica (16/17); Cristianismo (18); «4.º Centenário do Nascimento de Shakespeare», com colaboração de Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, António Pedro e de João Paes, bem como traduções de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Luís Cardim (19); «As Sociedades da Abundância» (20/21); «Homenagem a Cecília Meireles» (22); «Os Mitos», com textos da autoria de M. S. Lourenço, Alçada Baptista, Vasco Pulido Valente, Vasco Vieira de Almeida, Rui Cunha, António Osório, José Vaz Pereira, José Cardoso Pires, José Cutileiro (25/26); «Homenagem a Jean Renoir» (27); «O Tempo e o Modo da Espanha» colaboração de Fernando Goitia, José António Maravall, José Luís Cano, José Luís Aranguren, José R. Marra-Lopez, Julian Marias, Luís Vivanco, Manuel V. Lopez, Paulino Garagorri e José Bento, organizador de uma antologia de poesia espanhola contemporânea (28); «O Sangue de Átis» de François Mauriac (trad. e apres. de Jorge de Sena) (29); «Ciência e Filosofia» (31); que contou com Agostinho da Silva, Augusto Saraiva, Egídio Namorado, Fernando Gil, J. Tiago de Oliveira, Joel Serrão, José Marinho, Vitorino Magalhães Godinho, Laurent Schwartz; «O XX Aniversário da O.N.U.» (31); «Actualidade de Gil Vicente» (33), com colaboração de Jorge de Sena e de António Pedro e a reprodução de um debate gravado em que participaram Costa Ferreira, Francisco Vilar, Glicínia Quartim, Joaquim Magalhães, José Cardoso Pires, José Palla e Carmo, Lindley Cintra e de Vitorino Magalhães Godinho; «O Urbanismo» (34/35); «Temas do Século XIX»: Nuno de Bragança («Revolução e Contra-Revolução em 1820»), Júlio de Castro Caldas («Mouzinho da Silveira»), Jorge de Sena («O Romantismo»), Alberto Ferreira («A Questão Coimbrã»), Joel Serrão («Sondagem Cultural à Sociedade Portuguesa Cerca de 1870»), Salgado de Matos («Basílio Teles») e José-Augusto França («Esboço duma Sociologia da Vida Artística Portuguesa no Século XIX») (36); «Teilhard de Chardin» (37); «A Crítica» (38/39), com textos de Adolfo Casais Monteiro, António Pedro Vasconcelos, Eduardo Lourenço, João Paes, Jorge de Sena, José-Augusto França, José Blanc de Portugal, José Estêvão Sasportes, José Palla e Carmo, Luís Francisco Rebello e M. S. Lourenço, Jacinto do Prado

Coelho, João Bénard da Costa, João Medina, José Marinho, Lindley Cintra, M.S. Lourenço e Rui Grácio, com um inédito do homenageado intitulado «Jaspers na Filosofia Contemporânea» (43/44); «Pierrot le Fou» de Jean-Luc Godard, depoimentos de Alberto Vaz da Silva, Almeida Faria, António Campos, António Pedro Vasconcelos, João de Freitas Branco, Mário Dionísio e textos de Jen-Luc Godard e de Louis Aragon, respectivamente, «Pierrot, Meu Amigo» e «O que É a Arte, Jean-Luc Godard?» (45); «O Teatro em Portugal» (50/53), textos de Jorge de Sena, José Domingos Morais, Luíz Francisco Rebello, Augusto Sobral e depoimentos de Eunice Muñoz, Bernardo Santareno, Vasco Morgado, Manuela de Azevedo, José Palla e Carmo, Gérard Castelo Lopes, Luzia Maria Martins, Glória de Matos, Fundação Gulbenkian e *O Tempo e o Modo*; ainda sobre a problemática cénica se pronunciaram António Osório, Filipe de Sousa, Artur Portela Filho e José Sasportes; Frederico García Lorca, Bertold Brecht, Antonin Artaud, Ionesco, Kenneth King, Bernardo Santareno e Artur Portela Filho foram os autores escolhidos para uma antologia final; «Estruturalismo», perspectivado por Vergílio Ferreira, Eduardo Lourenço, António Franco Alexandre, Eduardo Prado Coelho e João Sousa Monteiro (56, 57/58); a obra de «Jorge de Sena» (59), ponderada por António Ramos Rosa, Luíz Francisco Rebello, Eduardo Lourenço, João Rui de Sousa, apresentando uma antologia poética, o conto «O Bom Pastor», que foi parcialmente cortado pela censura, como assinala na p. 13 o livro *Os Grão-Capitães*, uma entrevista ao homenageado e depoimentos sobre a sua obra da autoria de Almeida Faria, António Ramos Rosa, António Rebordão Navarro, Armando da Silva Carvalho, Casimiro de Brito, David-Mourão Ferreira, Eugénio de Andrade, Fernando Guimarães, José-Augusto França, José Augusto Seabra, José Bento, José Blanc de Portugal, José Fernandes Fafe, José Terra, M. S. Lourenço, Melo e Castro, Natércia Freire, Pedro Tamen, Ruy Belo, Ruy Cinatti, Salette Tavares, Vasco Miranda, Vergílio Ferreira e Vítor Matos e Sá; «Renovação na Continuidade», a queda de Salazar e a sucessão de Marcelo Caetano» (62/63), com depoimentos de Alçada Baptista, Eduardo Prado Coelho, Francisco Pinto Balsemão, Joana Lopes, Jorge Sampaio, Luís Moita, Manuel Roque, Nuno de Bragança e de Raul Rego, bem como uma antologia de Marcelo Caetano; no mesmo número a questão da invasão da Checoslováquia por parte da União Soviética é amplamente focada, com a crítica enérgica deste país e a publicação de um abaixo-assinado em que surge, entre outras, a assinatura de Marguerite Duras; O n.º 64/66, foca a «América País de Nixon», pelo crivo de Alfredo Barroso, Sarsfield Cabral, Jorge de Sena, Maria Emília Brederode dos Santos, Herbert Marcuse, Claude Julien, e apresenta um filme dos acontecimentos em Portugal, decorrente do falecimento de Salazar e do futuro que se perfila; no mesmo número Alberto Vaz da Silva, João Bénard da Costa, M. S. Lourenço, Nuno de Bragança e Pedro Tamen evocam Crsitóvão Pavia, pouco antes tragicamente trucidado por um comboio; um «Guia para as Eleições» de 1969 que se aproximavam, de inequívoca qualidade foi também publicado (67).

Registou-se uma polémica sobre o neo-realismo entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres (3, 4, 6), com a intervenção de Nuno Bragança (4). Por sua vez, José Pecegueiro e M. S. Lourenço polemizaram sobre a obra de Vieira de Almeida (11), havendo ainda uma fricção entre António José Saraiva e Jorge de Sena (32).

Eis alguns textos dos muitos relevantes nesta fase: Adolfo Casais Monteiro, «Puro e Simples», «Calendário da Inocência», «O Castelo» (24P), «Teoria da Impersonalidade: Fernando Pessoa e T. S. Eliot» (68); Augustina Bessa Luís, Um capítulo do livro inédito *O Sermão de Fogo* (3), «Camilo Castelo Branco» (15); Alberto Vaz da Silva e Nuno de Bragança, «Albert Camus» (7); Almeida Faria, «Comentário a Hölderlin» (67); António Osório, «Subsídios para o Estudo Mitológico do Cinema Nacional» (23); Bernardo Santareno, «Notas sobre o Teatro» (9); Cristóvão Pavia, «Ao Meu Cão» (42); Edgar Morin, «Um Terceiro Problema» (20/21); Eduardo Lourenço, «O Itinerário de Vergílio Ferreira» (11), «Desconcertante Agustina» (22), «Itinerário de Vieira da Silva ou da Poesia como Espaço» (24), «Uma Literatura Desenvolta» (42) «Michel Foucault ou o Fim do Humanismo» (56); Eduardo Prado Coelho, «O Conceito de Belo: de Diderot à Teoria de Informação» (49); Fernando Namora, Excerto do romance inédito *Os Cavalos Mordem a Erva* (37); Herberto Helder, «O Assunto das Colinas» (3P); Jacinto do Prado Coelho, «Bocage: a Vocação do Obscuro» (33); João Bénard da Costa, «Os Silêncios do Vaticano» (49); João Medina, «Nietzsche e a Filosofia como Criação» (23); João Rui de Sousa, «Que a Palidez do Tempo...» e «Translucidez» (13/14P); Joel Serrão, «Indagação sobre Valores e Valor» (68); Jorge de Sena, «A 'Nave' de Alcobaça» (9), «Sobre Irene Lisboa e a Crítica» (50/53); Jorge de Sena e M. S. Lourenço, «Diálogo entre Católicos e não Católicos» (27); José-Augusto França, «A Pintura Portuguesa e o Mundo Moderno» (22), «Lisboa Pombalina e Oitocentista» (33/34); José Augusto Seabra, «Do Poemodrama ao Poetodrama (Introdução a uma Leitura de Fernando Pessoa)» (67); José Bento, «Duas Notas sobre Camilo Pessanha» (54/55); José Cardoso Pires, «Um Lavagante e Outros Exemplares» (11); José Fernandes Fafe, «Sobre a Metodologia do Romance» (7); José Palla e Carmo, «Acerca do Romance Português: Factos e Argumentos» (2), «Grandeza e Decadência do Lugar-Comum em Literatura» (5), «Cultura, Culturas e Cultura de Massa» (20/21), «A Poesia de T. S. Eliot» (24, 25/26), «A Poesia de Ezra Pound» (30); José Régio, «A Estátua», «Momento Musical» (7P), «Sobre o Lugar de Sena na Literatura Portuguesa Contemporânea» (62/63); Lindley Cintra, «Sebastião da Gama: um Depoimento» (27); Luíz Francisco Rebello, «Evocação de António Pedro» (41); Nuno Bragança, «À Margem de uma Polémica» (4); Oliveira Marques, «Estudos sobre Portugal no Século XX» (62/63 e segs.); Óscar Lopes, «Problemas de um Realismo de Experiência Portuguesa» (40); Pedro Tamen/António Ramos Rosa/Sophia de Mello Breyner Andresen, «O Encontro de Poesia de Berlim» (22); Rui Grácio, «Educação, Educação Escolar e

Educação Permanente» (37); Ruy Belo, «Poesia e Arte Poética em Herberto Helder» (1), «A Responsabilidade da Poesia» (49); Vergílio Ferreira, «Da Responsabilidade Artística» (3), Capítulo inédito de Alegria Breve (11), «No Limiar de um Mundo, Raul Brandão» (54/55), «Questionação a Foucault e a Algum Estruturalismo» (56).

Extra-colecção, foram publicados os cadernos de *O Tempo e o Modo*, intitulados *Do Brasil, O Casamento e Deus o que É? O 1.º*, de Junho de 1967, foi o corolário de uma sugestão feita por Jorge de Sena e da sua ampla disponibilidade, bem como da de Adolfo Casais Monteiro, escritores que se encontravam exilados no Brasil e providenciaram os contactos para a sua efectivação. Em carta a Casais Monteiro, de 14 de Junho, João Bénard da Costa informava que o número sobre o Brasil iria ser publicado sob a terminologia de “caderno”, para evitar deste modo a censura. E concluía; «Se eles apreenderem os de cá, restam os de lá», referindo-se aos que seriam enviados para aquele país. Este *dossier* propõe uma ampla perspectiva da cultura daquele país, nas suas múltiplas manifestações. Incluiu artigos de Adolfo Casais Monteiro («A Literatura Portuguesa no Brasil»), Alceu Amoroso Lima, Vicente Barreto, Florestan Fernandes, Paulo Singer, D. Helder da Câmara («A Superação do Colonialismo Interno e o Desenvolvimento no Nordeste»), Anísio S. Teixeira, António Cândido, Jorge de Sena («Situação da Literatura Portuguesa no Brasil»), Wilson Martins, Luiz Costa Lima, Walter Zannini, Henrique Mindlin, Airton Barbosa, Joel Pontes, Eduardo Lourenço («O ‘Cinema Novo’ e a Mitologia Cultural Brasileira»); no final, apresentou uma antologia de autores brasileiros: Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes (os inéditos «As Berlengas», «Freixo de Espada à Cinta», «Nazaré» e «Aveiro»), Marques Rebelo, Haroldo de Campos e Jorge Amado – o inédito «Enterro da Iyalorixá».

O 2.º Caderno intitulou-se «O Casamento» e veio a lume em Março de 1968. Alçada Baptista considera-o de uma «ingenuidade de catequese», o que não impediu a PIDE de o apreender. Estava estruturado em várias partes: ensaios da autoria de Carlos Lima, Alçada Baptista, Eduardo Lourenço, Miller Guerra e Azevedo e Silva; uma antologia com textos de Teilhard de Chardin, Edgar Morin, Marc Oraison, A. D’Heilly, Paul Chauchard e de Wilhelm Reich; um inquérito com depoimentos de Alberto Vaz da Silva, Ana Maria Bénard da Costa, Bertina Sousa Gomes, Duarte de Almeida, Eduardo Prado Coelho, Francisco Alvim, Helena Vaz da Silva, John Hogan, José Cardoso Pires, Júlio Moreira, Laura Graça, Leo von Geusau, Luís Moita, Luís de Paços, Madalena Gebert, Maria Isabel Mota, M. Adelaide Pinto Correia, Maria João Sande e Lemos, Maria Velho da Costa, Mário Brochado Coelho, Natália Teotónio Pereira, Nuno de Bragança, Pedro Reis, Teresa e Francisco Cabral, Teresa Rita, Francisco Alvim, João dos Santos e Francisco Salgado Zenha; textos

inéditos de Alberto Vaz da Silva e de Almeida Faria e excertos sobre o tema de autores maioritariamente clássicos.

Ainda em 1968, seguiu-se o caderno «Deus o que É?», título concebido por Helena Vaz da Silva, com uma antologia que trazia à luz textos de Gonzalez Ruiz, Freud, Jean Cardonnel e de Maurice Blanchot e dois debates, um moderado por João Bénard da Costa, com a participação de Alfredo Barroso, Armando Trigo de Abreu, Jaime Gama, João Martins Pereira, José Carlos Lima, José Luís Nunes, Sottomayor Cardia, Miguel Castro Henriques; outro com Alberto Vaz da Silva, Ana Maria Bénard da Costa, Bento Domingues, Eduardo Veloso, Joana Lopes, João Bénard da Costa, Luís Bénard da Costa, Maria Belo, Nuno de Bragança, Teresa Martins de Carvalho e Vítor Wengorovius.

No referido caderno foi ainda realizado um inquérito, ao qual responderam Alberto Vaz da Silva, António Jorge Martins, Edgar Morin, Eduardo Lourenço, Eduardo Veloso, Fernando Belo, Hans Küng, João Bénard da Costa, Jorge de Sena, José Luís Calheiros, Luís Sousa Costa, Manuel de Lucena, Nuno de Bragança, Pierre Emmanuel, René Laurentin e Vergílio Ferreira. Apresentou textos de M. S. Lourenço, Fernando Melro, André Vergote, J. Sousa Monteiro e de Alçada Baptista. Em rodapé, incluiu citações de Marx, Santo Agostinho, Buda, Bertrand Russel, Descartes, Henry Miller, Bakunine, Lenine, Georges Bataille, Engels, Kirkegaard, Nietzsche, Pascal, S. Tomás, Santa Catarina de Sena, etc.

No n.º 40, deu-se início à publicação de um conto por número. «O Caminho» de José Régio foi o primeiro texto selecionado, enquadrado pelo ensaio de Eugénio Lisboa, «O Silêncio e a Ironia na Obra de José Régio». Nos números seguintes foram sucessivamente publicados os seguintes contos: Jorge de Sena, «Homenagem ao Papagaio Verde» (41); José Gomes Ferreira, «A Mulher dos Caminhos» (42), seguido de um ensaio de Palla e Carmo sobre a sua obra; Maria Judite de Carvalho, «Uma Aula Prática» (43); José Rodrigues Miguéis, «Lodo» (46); Irene Lisboa, «A Professora» (47/48); Maria Velho da Costa, «Maina Mendes» (47/48); Herberto Helder, «Os Ritmos» (49); Nuno Bragança, «O Imitador» (54/55); Augusto Abelaira, «Instantâneos» (56); Almeida Faria, «Conto Contado» (57/58).

A 1.ª fase de *O Tempo e o Modo* registou crítica literária de António Ramos Rosa, Arnaldo Saraiva, João Medina, João Rui de Sousa, José Bento, José Blanc de Portugal, Manuel Poppe, Maria Aliete Galhoz, Nuno de Bragança, Sottomayor Cardia, Vasco Pulido Valente; crítica musical de Francine Benoit e José Blanc de Portugal, cinematográfica de João César Monteiro, José Vaz Pereira e Nuno Bragança, teatral de José Domingos de Morais, artística de Fernando Pernes e radiofónica de João Pais.

Antologiou textos de Albert Einstein, André Gorz, Franz Fanon, Georges Burdeau, Gunnar Myrdal, João Chagas, João XXIII, John Kennedy, Karl Jaspers, Malcolm Lowry, Paul Ricoeur, Teilhard de Chardin, Vieira de Almeida, bem como documentos emanados pelas Nações Unidas, e entrevistou Fernando Lopes, Paulo Rocha, Manoel de Oliveira (40/41), Jean Renoir (57/58) e André Martinet (60/61).

Os n.ºs 12 (Jan. 1964), 23 (Jan. 1965), 34/35 (Jan./Fev. 1966), 45 (Jan. 1967) 57/58 (Fev./Mar. 1968), 67 (Jan. 1969) incluem os índices dos primeiros 66 números.

Segunda fase

A partir do n.º 69/70, de Mar./Ab. 1969, *O Tempo e o Modo* foi dirigido por João Bénard da Costa, seu director efectivo até Novembro de 1970 e nominal até Maio de 1972, por não poder passar o testemunho sem que se verificasse a suspensão da revista, como me relatou em depoimento particular. Por sua vez, Pedro Tamen continuou a ser o responsável pela edição, nominalmente até Maio de 1971 (n.º 87).

Uma das preocupações da redacção da revista foi a sua demarcação relativamente à 1.ª fase. Não admira assim que tenha mudado de formato com o n.º 73, de Nov. 1969, na sequência das eleições do mês anterior, e tenha assinalado o início de uma nova série, com um preço especial para estudantes e operários.

A intervenção no acto eleitoral de 1969 de João Bénard da Costa, pela CDE, mesmo a título individual e para «desmistificar o regime e o sistema», aproveitando a liberdade concedida, deverá ter aberto brechas na direcção colegial (73), como é visível no número seguinte, na mesa-redonda que reuniu o director e quatro redactores da revista – Arnaldo de Matos, Armando de Abreu, João Martins Pereira e Amadeu Lopes Sabino. Essas fricções são ainda mais visíveis no n.º 78 de Ab. 1970, numa mesa-redonda feita para discutir a essência da revista, com a participação de sete redactores – João Ferreira de Almeida, João Martins Pereira, Jorge Almeida Fernandes, Nuno Júdice, Luís Lobo, Amadeu Lopes Sabino e João Bénard da Costa (apresentado na qualidade de redactor e não de director). Duas posturas bem diferentes são manifestas: por um lado, o director, que na sua intervenção é extremamente crítico relativamente à qualidade da revista: «pessoas de ideologias diversas propagandearam essas mesmas ideologias sem qualquer rigor técnico (estou a falar na generalidade) e ainda com toda a espécie de primarismos, dogmatismos, simplismos, demagogia, etc., que normalmente acompanham esse mesmo propagandar. Isto parece-me grave sobretudo porque aquilo que se chama esquerda portuguesa tem sido intoxicada de instrumentos ideológicos não digeridos nem amadurecidos por falta de formação teórica. Portanto corre-se o risco de que o T.M. apenas venha a aumentar a confusão

reinante, traindo o propósito inicial. A falta duma colaboração de qualidade é quanto a mim uma das deficiências mais graves do actual T.M.». Nos antípodas, o discurso da redacção, de carácter maoísta, pela voz de Jorge Almeida Fernandes: «Não é possível fazer uma revista, imbuída de valores assente numa redacção politicamente heterogénea, sem uma permanente discussão e crítica de métodos e objectivos. Não quero dizer que esta confrontação, a interna, seja a mais importante. Pelo contrário. Mas é necessária. Só um estilo de trabalho democrático e um trabalho crítico colectivo poderão corrigir os erros em que tendemos a cair, erros que, aliás, não são específicos do T.M. A heterogeneidade da redacção tem o seu preço. Só uma confrontação de posições nos permitirá avançar, demonstrando que essa unidade é uma unidade possível e necessária e não uma unidade oportunista. É óbvio que se não houver produção, se essa confrontação não vier a público, se não houvesse revista, tudo está viciado. Será um simples verbalismo, um logro.»

Estas duas linhas já se tinham defrontado publicamente. Com efeito, no n.º 71/72 foi dado a lume o poema de Ruy Cinatti «Apolo 11», repudiado no número seguinte pelos redactores por ser um «poema mau, ridículo mesmo» e ter sido publicado sem a sua prévia leitura. O número seguinte revelou uma carta subscrita por Sophia de Mello Breyner Andresen, Ruy Belo e por António Ramos Rosa, que manifestam a sua surpresa pelo julgamento sumário de quem repudiou o poema e nem sequer assinou esta tomada de posição, defendendo ainda a qualidade intrínseca do poeta; o n.º 77 (Mar. 1970), informa que a Assembleia Geral dos redactores de *O Tempo e o Modo* deliberou «que o anúncio publicado na segunda capa do N.º 76 (nova série) seja retirado da revista», porque, entre outras razões, «os objectivos do T.M. são incompatíveis com tal estilo de (auto) publicidade, que os falseia e põe em cheque.»

Este intenso confronto de metodologias, objectivos e de mundividências conduziu ao abandono da direcção por parte de João Bénard da Costa – votado em plenário, como o próprio refere em entrevista [→](#), na sequência da polémica que opôs Sebastião Lima Rego a António José Saraiva, a propósito das opiniões deste ensaísta advogadas no seu livro *Maio e a Crise da Civilização Burguesa* (84/87); no fragor da referida polémica registou-se uma carta judiciosa de Emídio Santana (85), manifestando-se contra a metodologia usada por aquele redactor.

Por outro lado, a formação do MRPP na clandestinidade, a 18.9.1970, teve repercussões evidentes na revista, que se tornou mais ideológica e radicalizada.

Nesta fase de *O Tempo e o Modo*, foi organizado um *dossier* sobre uma das figuras tutelares da cultura portuguesa deste século – António Sérgio – que

apresentou artigos de Joel Serrão, Eduardo Lourenço, Vasco Pulido Valente, Oliveira Marques e depoimentos de Alçada Baptista, Carlos da Silva, Fernando Lopes Graça, Fernando Piteira Santos, Henrique de Barros, Jaime Gama, João Bénard da Costa, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, José Medeiros Ferreira, Manuel Mendes, Manuel Sertório e de Alberto Costa (69/70). Ainda neste período, foram publicados os seguintes textos de carácter literário: António Ramos Rosa, «A Fogo e Pedra» e carta; Beckett, «Imaginação Morta Imagina» (71/72); Jorge de Sena, «Os Americanos e a História» (74); Nuno Bragança, «O Impotente» (71/72C); Nuno Júdice, «Exercício (Escolar) sobre o Texto de Fernando Pessoa» (74).

Segundo Fernando Rosas, a «primeira fase da 2.^a Série significará um salto qualitativo da maior importância e de profundos efeitos, principalmente na abordagem de quatro tipos de problemas, talvez aqueles que mais decisivamente condicionavam a situação nacional e internacional daquela época:

«a) a tentativa de analisar cientificamente a evolução do capitalismo português e o significado económico, social e político do marcelismo, combatendo a perspectiva corrente de nele ver a ansiada “primavera”, ou de não ver senão uma máscara do velho regime – em ambos os casos, pretextos diferentes para uma mesma tática de negociar com o poder a sua partilha. Textos como «A Descoberta do Caminho Marítimo para a Europa» (de J. Martins Pereira) ou «Para Onde Vão os Economistas Portugueses» (de Jorge Almeida Fernandes), entre outros, são marcos que permanecem importantes neste trabalho teórico;

b) a crítica e a desmontagem do sistema social e político soviético e dos países de leste como um novo tipo de capitalismo, obviamente estranho aos princípios e ideais do socialismo. Lembro a publicação integral da célebre polémica entre Sweezy e Bettelheim ou do texto «A Base Social do Revisionismo» (não assinado), onde tal crítica encontrava uma sistematização teórica;

c) o estudo da problemática do imperialismo, do colonialismo e dos mecanismos da dependência; a reavaliação do papel internacional da URSS, o apoio ao povo do Vietname e aos movimentos de libertação em geral – são neste campo contributos marcantes artigos como os de João Ferreira de Almeida («O Desenvolvimento do Sub-Desenvolvimento»);

d) ainda o importante combate no plano da ideologia em geral e da cultura em especial na busca de um novo discurso estético anti-académico, onde esgrimiram prosa, versos e argumentos Nuno Júdice, M. Gusmão, Fernando Guerreiro, Ramos Rosa ou E. Paiva Raposo entre outros.

«Com a prisão pela PIDE em Julho-Agosto, de 1971, de Amadeu Sabino (chefe de redacção da nova série e até aí seu director de facto), de Sebastião Lima Rego e de mim próprio, ambos da Redacção, a revista passa a não ser só um

alvo eleito da Censura (em 71 e 72 o volume dos cortes censórios é tal que impede a saída da revista em vários meses) como dos assaltos e das buscas da PIDE à sua sede. Causa e reflexo, esse encarniçamento policial marca uma nova fase da vida do *TM* evolui para um jornalismo político militante, onde a teorização cede o passo à intervenção. Sob a direcção de Martins Soares (ainda que formalmente o director tivesse passado a ser Luís Matoso), a nova composição da redacção reflecte esse tipo de empenhamento: vão entrando uma série de jornalistas, a maioria jovens: João Carreira Bom, João Isidro, Adriano de Carvalho, e de estudantes como Saldanha Sanches, José Telo, Pinto e Castro ou Emanuel Santos que vinham reforçar os poucos que aguentaram a mudança.»

Para Amadeu Lopes Sabino, na esteira de Vasco Pulido Valente, a revista constituiu «um espaço furtado simultaneamente às influências ideológicas do antigo regime e do Partido Comunista».

Na sequência do 25 de Abril, *O Tempo e o Modo* perdeu a sua vertente cultural, passando exclusivamente a veicular a perspectiva política do MRPP, até ao seu final, em Set. 1977, data do n.º 126. Os artigos deixaram de ser assinados, de acordo com os princípios maoístas que davam prioridade ao colectivo em detrimento do individual.

Os números publicados imediatamente a seguir à revolução de Abril (103) manifestam-se energicamente contra a guerra colonial, os embarques de tropas para África, celebram o 1.º de Maio e incentivam a caça aos agentes da PIDE. Focam a «natureza reacionária das forças que apoiaram» o 25 de Abril (105) e consideram que um «conluio fascista revisionista com vestes liberais-democráticas se assenhoreou dos meios de informação e de comunicação de massas que a burguesia colocou nas suas mãos»; proclamam que «a atitude do *TM* decorre de uma análise científica da sociedade portuguesa».

O partido comunista foi criticado acerbamente («História do Partido Revisionista Português», n.º 107, 113, 115, 118), fez-se o culto da personalidade de Arnaldo de Matos, retratado na capa do n.º 111, de Jun. 1975, apoiou a candidatura do general Ramalho Eanes em Jun. 1976, manifestou-se contra Otelo Saraiva de Carvalho («Otelogia ou Entrevista sem Entrevistado»). No domínio da política internacional, foi feita a apologia rasgada da China e da Albânia, da revolução cultural, da construção do homem novo a partir dos princípios postulados por Mao (119, Ag. 1976). Imperou então o messianismo, fez-se tábua rasa da cultura dita burguesa, defendeu-se a cultura proletária com a publicação de contos chineses.

Sintomático é insofismavelmente o relato da conferência de estudos literários realizada em Tirana, intitulada «Cultura Nova – A propósito de certos problemas da literatura estrangeira contemporânea» (112 e 116). Os conferencistas, «apoiados na estética marxista-leninista», ocuparam-se

sobretudo do «modernismo e do decadentismo, das origens das correntes reacionárias, idealistas, de certas manifestações de revisionismo na literatura bem como das teorias burguesas e revisionistas na crítica literária.» Vinca ainda o relator: «Em todos os documentos da sessão sublinhou-se que a burguesia reacionária, os imperialistas e os revisionistas, consideram todas as manifestações da literatura decadente revisionista como os meios mais eficazes para envenenar a consciência das largas camadas da população dos seus países e como uma das armas de agressão ideológica mais perigosas.»

Os ataques ao existencialismo “decadente” foram particularmente virulentos: «Heróis individualistas, que rastejam como vermes numa vida tão lamentável como reacionária, enchem as obras de Sartre, Camus, Kafka, Robbe-Grillet, Beckett, Ionesco, Bataille, Blanchot, Butor, Sarraute, Joyce, etc.»(116). Na opinião da revista, Soeiro Pereira Gomes representa «o revisionismo em literatura», o neo-realismo a alienação do marxismo, sendo dados em alternativa contos chineses e poemas Mao Tsé Tung (120). Pouco depois, numa mesa-redonda, discutiram-se os «Caminhos que se Abrem à Poesia de Partido» (125).

Felizmente nem tudo foi primarismo nesta última fase da revista. Registrem-se as entrevistas de Fernando Lopes (126) e a de Lindley Cintra sobre a literatura portuguesa tradicional, com a qual a erudita redacção não concordou parcialmente!!! (nº 120, de Nov. 1976). Sinal dos tempos.

O Tempo e o Modo apresentou textos de Abel Varzim, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Agustina Bessa Luís, Alberto Costa, Alberto Ferreira, Alfredo Barroso, Almeida Faria, Álvaro Salema, Amadeu Lopes Sabino, André Martinet, Ángel Crespo, António Alçada Baptista, António Franco Alexandre, António José Saraiva, António Manuel Couto Viana, António Osório, António Pedro, António Quadros, António Ramos Rosa, António Rebordão Navarro, António Reis, António Sérgio, Armando Castro, Arnaldo de Matos, Arnaldo Saraiva, Artur Portela Filho, Augusto Abelaira, Baptista-Bastos, Bento de Jesus Caraça, Bernardo Santareno, Casimiro de Brito, Cristóvão Pavia, David Mourão-Ferreira, Edgar Morin, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Ernesto Leal, Eugénio de Andrade, Eugénio Lisboa, Fernando Baptista, Fernando Guimarães, Fernando Namora, Fernando Pernes, Fernando Pinto Ribeiro, Fernando Rosas, Fiama Hasse Pais Brandão, Francisco Sarsfield Cabral, Gastão Cruz, D. Hélder da Câmara, Hélder Macedo, Helena Vaz da Silva, Herberto Hélder, Irene Lisboa, J. Tiago de Oliveira, Jacinto Baptista, Jacinto Prado Coelho, Jaime Gama, Jean-Paul Sartre, João Bénard da Costa, João Cravinho, João de Freitas Branco, João Gaspar Simões, João Gomes, João José Cochofel, João Martins Pereira, João Medina, João Miguel Fernandes Jorge, João Palma-Ferreira, João Rui de Sousa, Joaquim Manuel Magalhães, Joaquim Mestre, Joaquim Namorado, Joel Serrão, Jorge de Sena, Jorge Sampaio, Jorge Santos, Jorge Silva Melo, José Atalaya, José-Augusto

França, José Bento, José Blanc de Portugal, José Cardoso Pires, José Carlos de Vasconcelos, José Carlos Ferreira de Almeida, José Fernandes Fafe, José Gomes Ferreira, José Luís Nunes, José Manuel Galvão Teles, José Marinho, José Palla e Carmo, José Régio, José Rodrigues Miguéis, José Terra, Júlio Castro Caldas, Lindley Cintra, Luís de Sousa Costa, Luís Filipe Sabino, Luiz Francisco Rebello, Luís Matoso, Luís Miguel Cintra, Manuel de Lucena, Manuel Gusmão, Manuel Mendes, Maria Aliete Galhoz, Maria Judite de Carvalho, Maria Valupi, Maria Velho da Costa, Mário Brochado Coelho, Mário Dionísio, Mário Murteira, Mário Soares, Martins Soares, Melo e Castro, Michel Foucault, Murilo Mendes, Nélson de Matos, Nuno Bragança, Nuno Júdice, Oliveira Marques, Orlando de Carvalho, Óscar Lopes, Paulo Quintela, Pedro Tamen, Rafael Alberti, Raul de Carvalho, Raul Rego, Rui Grácio, Ruy Belo, Ruy Cinatti, Salgado Matos, Sebastião Lima Rego, Serras Gago, Sophia de Mello Breyner Andresen, Sttau Monteiro, Teresa Amado, Vasco Miranda, Vasco Pulido Valente, Vergílio Ferreira, Victor Matos e Sá, Vieira de Almeida, Vítor Matias Ferreira, Vítor Wengorovius e de Vitorino Magalhães Godinho.

Uma 2.^a série veio a lume com um número único, datado de Março de 1984, dirigido por Carlos Vargas, sendo o corpo redactorial chefiado por Fernando Rosas e constituído por António Lima Guerreiro, Cecília Barreira, Fernanda Barão, Fernando Dacosta, Francisco Bélard, Isabel Almeida, João Caeiro Costa, José Manuel Gema, Luísa Costa Gomes, Luís Marques, Margarido Bico, Meira da Cunha, Rui Pimenta e Raimundo Santos, a quem pertenceu também a direcção gráfica.

No editorial, Carlos Vargas assinala as razões que estão na origem do regresso da revista: «*O Tempo e o Modo* reaparece porque considera urgente derrotar a inércia cívica, o apoliticismo pardo e a demissão intelectual, para que o poder em Portugal deixe de subvencionar, tão generosamente, a mediocridade e a incompetência, para que o país oficial deixe de trajar a roupeta solene do mau gosto acaciano. [...] Pretendem os novos mercadores da fé economicista de um neo-salazarismo franciscano, falsamente pobrezinho e redentor, que Portugal se transforme numa pátria inerte e insensível, num país desfigurado, de administradores de juros e gestores de comissões. Propomos resistir a esse monstruoso défice moral. [...] A nossa proposta é clara: dar uma oportunidade à imaginação e à inteligência.»

Neste número é evidente o equilíbrio entre a política nacional e internacional, a economia, o cinema, a música, a ciência e a literatura.

Fernando Rosas fez o balanço de *O Tempo e o Modo*, com particular detalhe para a sua 2.^a fase, Natália Correia assinou «Saudade ou Soledad», António Lima Guerreiro comentou criticamente a comemoração em Portugal do 1.^o centenário do falecimento de Marx, José Pacheco Pereira debruçou-se sobre os dirigentes das lutas estudantis das

crises académicas de 1962 e de 1968, Fernanda Barão organizou um *dossier* sobre a ditadura militar argentina. No domínio da literatura, foram publicados poemas de António Ramos Rosa, Nuno Júdice, António Júlio Valarinho, Maria Regina Louro, Alexandre Vargas e de Luís Pignatelli; Luísa Costa Gomes e Cecília Barreira subscreveram, respectivamente, o conto «Hóquei em Patins» e «A Fábula de Vidro».

Outros colaboradores desta série: António Moreira, Carlos Vargas, Fernando Carneiro, Fernando Dacosta, Fernando Pinto Ribeiro, Isabel Almeida, Isabel Pereira dos Santos, José Alberto Caeiro Costa, Korinna Horta, Luís Schiró, Meira da Cunha, Pascal Fleury, Pedro Varanda de Castro, Sam (cartoon) e Vitorino.

Bibliografia: O espólio de José Rodrigues Miguéis (BN/F.R.132, bobine 20) apresenta correspondência trocada com João Bénard da Costa, na parte referente à década de 60; no de Adolfo Casais Monteiro (BN/E, 15), existem cartas de Alçada Baptista, João Bénard da Costa e Vasco Pulido Valente (6.4.1966).

Impressos: BAPTISTA, António Alçada, «Depoimento sobre *O Tempo e o Modo*» in *Ciclo de Conferências – Os anos 60: os Factores de Mudança* (org. da SEDES), Lisboa, edição policopiada, s.d.; Id., «No 1.º Aniversário», *O Tempo e o Modo*, n.º 12 (Jan. 1964) (com depoimentos de Álvaro Salema, António Sousa Gomes, Joaquim Namorado, Lindley Cintra, Mário Dionísio, Mário Soares, Orlando de Carvalho e de Vítor Matos e Sá); Id., «No 2.º Aniversário», *Ibidem*, n.º 23 (Jan. 1965); Id., «No 3.º Aniversário», *Ibidem*, n.º 34/35 (Jan./Fev. 1966); Id., *Peregrinação Interior*, Lisboa, Presença, 1986; Id., *A Pesca à Linha – Algumas Memórias*, Lisboa, Editorial Presença, 1997; Id., «Seis Anos Depois...», *O Tempo e o Modo*, n.º 69/70 (Mar.Ab. 1969); Id., «Vida e Morte da Moraes», *Alter Ego* (Lisboa), n.º 5 (1998); CARDIA, Sottomayor, «Desmentido a um Desmentido», *Seara Nova* (Lisboa), n.º 1417 (Nov. 1963); Id., «Reflexões sobre o Diálogo», *Ibidem*, n.º 1415 (Set. 1963); COSTA, João Bénard da, «O Filme dos Nossos 20 Anos» (entrevista concedida a Maria João Avillez), *Público* (Lisboa) (30.01.1994); Id., «Meus Tempos, Meus Modos», *Diário de Notícias* (Lisboa) (9.11.1983); Id., «Mounier: a Memória Frágil», *J. L.* (Lisboa), n.º 402 (20.3.90); Id., «Mounier e O Tempo e o Modo», *O Tempo e o Modo*, n.º 23 (Jan. 1965) (inicialmente, «Esprit e o Tempo e o Modo», tendo, porém, a censura cortado este título); COSTA, João Bénard da e VALENTE, Vasco Pulido, «No 3.º Aniversário», *O Tempo e o Modo*, n.º 35/35 (Jan./Fev. 1966); CRUZ, Manuel Braga da, «Do Outro Lado», *Diário de Notícias* (9.11.1983); «Os Dez Anos do T.M.», *O Tempo e o Modo*, n.º 95 (Jan. 1973); FERREIRA, Nuno Estêvão Figueiredo M., «O Tempo e o Modo Revista de Pensamento e Acção (1963-67); Repercussões Eclesiológicas de uma Cultura de Diálogo», *Lusitânia Sacra* (Lisboa), s.II, t. 6 (1994); M. L., «O Tempo e o Modo», *Ocidente* (Lisboa), n.º 308 (Dez. 1963); MONTEIRO, João Paulo,

«O Tempo e o Modo», Vértice (Coimbra), n.º 460 (Maio/Jun. 1984); ROSAS, Fernando, «A Propósito dos Vinte Anos do TM», *O Tempo e o Modo* (Lisboa), s.III, n.º 1 (Mar. 1984); SABINO, Amadeu Lopes, «Outro Tempo, Outro Modo», *Diário de Notícias* (1.1.1984); SEARA NOVA, «O Tempo e o Modo da Igreja», Seara Nova, n.º 1425 (Jul. 1964); SILVA, Armando Beles da, «Carta de um Leitor», *O Tempo e o Modo*, n.º 95 (Jan. 1973); SIMÕES, João Gaspar, Recensão ao número especial intitulado «A Arte Deverá Ter por Fim a Verdade Prática?», *Diário de Notícias* (Lisboa) (20.9.1963), pp. 13 e 15; O TEMPO E O MODO, «Seara Nova e O Tempo e o Modo», n.º 15 (Ab. 1964); Id., «Os 10 Anos do T.M.», n.º 96 (Jan. 1973); Id., «Editorial», n.º 45 (Jan. 1967); Id., «Editorial», n.º 56 (Jan. 1968); Id., «Fortaleçamos a Imprensa Livre», n.º 102 (Fev. 1974); Id., «Um Humanismo Interventor», n.º 5 (Maio 1963); Id., Inquérito sobre *O Tempo e o Modo*, no 1.º aniversário, n.º 12 (Jan. 1964); Id., «A Luta por O Tempo e o Modo», n.º 102 (Fev. 1974); Id., «Manifesto Eleitoral do TM», n.º 117 (Ab. 76); Id., «Onde vos Dizemos quem Somos», n.º 74 (Dez. 1969); Id., «A Posição do TM em Face das Eleições» (Out./Nov. 1973); Id., «Seara Nova e o Tempo e o Modo», n.º 15 (Ab. 1964); Id., «O Tempo e o Modo»: 4 Anos, n.º 34/35 (Jan. Fev. 1966); Id., «O Tempo e o Modo», n.º 106 (Ag. 1974); VALENTE, Vasco Pulido, «Éramos assim Absurdos em 1963», *Diário de Notícias* (9.11.1983); VARGAS, Carlos, «A Quadratura do Círculo», *O Tempo e o Modo*, s. III, n.º 1 (Mar. 1984).

Cotas: **BN** P. P. 11478 V. (Revista, com o n.º 1.º n.º da s. II em falta) e P. P. 12653 V. (Cadernos de *O Tempo e o Modo*); **CMLHT** Ver. 1359 V.

Texto de Daniel Pires, publicado no seu ***Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa (1941-1974)***. Volume 2, Tomo 2 (Q – Z). Lisboa: Grifo, 200, pp. 558-579.